

A FUNÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PSICANALÍTICO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO CONTO DE CHAPEUZINHO VERMELHO

THE FUNCTION OF FAIRY TALES IN THE INDIVIDUAL'S PSYCHOANALYTIC CONSTITUTION: AN ANALYSIS BASED ON THE TALE OF LITTLE RED RIDING HOOD

Francielle Mayumi Sakamoto Claro Araújo¹

Fabio Nader Amari²

Ana Maria Moreno de Oliveira³

ARAÚJO, F. M. S. C.; AMARI, F. N.; OLIVEIRA, A. M. M. A Função Dos Contos De Fadas Na Constituição Do Sujeito Psicanalítico: Uma Análise A Partir Do Conto De Chapeuzinho Vermelho. **Akrópolis** Umuarama, v. 19, n. 3, p. 187-202, jul./set. 2011.

RESUMO: Este artigo apresenta um estudo sobre contos de fadas e sua respectiva importância na constituição subjetiva da criança sob a ótica da Psicanálise. Para alcançar este objetivo resgata historicamente a forma como a criança era vista no passado e a mudança nessa maneira de se entender a criança, não vista mais como um adulto em miniatura, mas sim como um sujeito em formação. O artigo traz o conceito de sujeito na visão psicanalítica, e sua constituição a partir da infância no encontro com o outro. Os contos de fadas provindos da tradição oral em que inicialmente destinavam-se aos adultos passaram a ter um valor inestimável na formação da subjetividade infantil, trazendo conteúdos importantes, que falam diretamente ao inconsciente. Este artigo analisa a estória de Chapeuzinho Vermelho, revelando como os contos de fadas se constituem em fontes de satisfação a desejos inconscientes, e ao mesmo tempo, trabalhando na elaboração de conflitos comuns a todas as crianças, que estão em processo de formação de seu sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise, Infância, Constituição do Sujeito, Contos de Fadas.

ABSTRACT: This article presents a study on fairy tales and its importance to the subjective constitution of an infant under Psychoanalysis. In order to reach this objective, the way an infant was seen in old times and the shift occurred on the way society understands them, no longer seen as small adults but as individuals growing up, is historically recalled in this study. The article is based on the psychoanalytic concepts toward the individual and its constitution since infancy, along with their contact with the other. The fairy tales which come from oral traditions and were initially aimed to adults have become valuable to the formation of subjectivity, bringing up important subjects which affect their unconsciousness directly. The article analyzes the story of Little Red Riding Hood, revealing how fairy tales represent sources of satisfaction for unconscious desires, and at the same time, working on the elaboration of conflicts that are common to all children who are forming their individuality.

KEYWORDS: Psychoanalysis, Infancy, Individual's Constitution, Fairy Tales.

¹Acadêmica do 4º ano de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, Campus Cascavel, Paraná. Contato: Rua Sete de Setembro, 4249, A13. Cascavel, Paraná. Endereço eletrônico: francielleclaroaraujo@hotmail.com

²Acadêmico do 4º ano de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR. Campus Cascavel – Paraná. Contato: Avenida Brasil, 987, Cascavel, Paraná. Endereço eletrônico: fabioamari@hotmail.com

³Orientadora. Psicóloga. Especialista em Psicanálise pela Universidade de Marília, São Paulo. Especialista em Psicologia da Educação pela Universidade Severino Sombra, Rio de Janeiro. Docente do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, Campus Cascavel, Paraná. Contato: Rua Vicente Machado, 1350. Cascavel, Paraná. Endereço eletrônico: anamaria@unipar.br

INTRODUÇÃO

“Não é surpreendente descobrir que a psicanálise confirma nosso reconhecimento do lugar importante que os contos de fadas populares alcançaram na vida mental dos nossos filhos. Em algumas pessoas, a rememoração de seus contos de fadas favoritos ocupa o lugar das lembranças de sua própria infância: elas transformaram esses contos em lembranças encobridoras” Freud, S. [1913] 1996.

O presente estudo de pesquisa tem como principal objetivo ampliar o olhar para a criança por meio de um elemento fundamental na infância que é a companhia dos maravilhosos contos de fadas. Mas, como começar? Desenvolver este artigo mediante do estudo acerca da importância dos Contos de Fadas para as crianças leva a um questionamento sobre o universo dos adultos, como são constituídos, e como são influenciados.

Esta pesquisa limita-se ao olhar que a Psicanálise direciona aos Contos de Fadas, e para realizá-la, utiliza como método de pesquisa a revisão bibliográfica e analítica, já que toma por base o clássico conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho”.

É preciso compreender que na infância reside grande parte do que é determinado no adulto. Esta é uma maneira de perceber uma realidade nos sentimentos e pensamentos da criança de forma real, sem devaneios, sem ilusões, afinal, um dia, todo adulto já foi criança, e as lembranças evocam verdades que somente por outras palavras podem ser ditas, somente por identificações podem ser revividas. É como um clichê estereotípico que se repete, que imprime na vida adulta aquelas questões tão fundamentais da infância. Os contos de fadas são essenciais por sua verdade, clareza e simplicidade. Como uma obra de arte que se reflete de maneira única em cada criança, e como cada criança em si é também uma obra de arte, única e essencial.

Para falar dos Contos de Fadas como um elemento constitutivo da vida de uma criança, é necessário inicialmente situar a criança em um complexo que envolve tanto uma visão histórica quanto sua formação como sujeito psicanalítico.

O presente artigo organiza-se em uma primeira parte no modo como a criança é vista hoje e como seu histórico sofre mudanças ao longo do tempo. Sua importância na contempo-

raneidade é produto de uma longa trajetória de busca e reconhecimento e é surpreendente fazer esse retrocesso e imaginar a subjetividade da época. A segunda parte refere-se à construção da criança como sujeito psicanalítico. Sua psique, sua subjetividade, como se constituem dentro da abordagem psicanalítica. E na terceira parte, abordam-se como os Contos de Fadas ocupam um lugar fundamental para a criança, falando de medo, final feliz e maldade de uma forma tão sutil e maravilhosa. Para ilustrar conteúdo pesquisado, a escolha pelo Conto de Chapeuzinho Vermelho ocorre em virtude de sua intensidade de narrativa, popularidade e também por ser um clássico conhecido por todos.

O OLHAR SOBRE A CRIANÇA

Historicamente, até a Idade Média, a sociedade via a criança como um adulto em miniatura; ela participava das atividades do mundo social, se confundia na vida adulta participando de jogos, brincadeiras, profissões, no uso de armas, assistia a enforcamentos, decapitações e até mesmo em práticas sexuais com os adultos. Para Ariès (1978, p. 99), “o sentimento de infância não existia” na Idade Média. Se uma criança não podia participar do mundo adulto, ela simplesmente não contava. Uma criança demasiadamente pequena podia desaparecer sem despertar preocupação nos adultos, as condições de higiene precárias favoreciam o aparecimento de doenças, o que justificava o alto índice de mortalidade ocorrido na época (ARIÉS, 1978).

Dolto (2005) ressalta que no período Medieval, quando a criança sobrevivida à primeira idade, deveria se dispor sempre a defender os interesses da casa, deveria ser útil não só à sua família como também à sociedade; aos sete anos, se pertencesse a uma família de posses, já poderia ser colocada em condição de aprendiz em casa de outras pessoas: saber servir para ser servido, era a premissa da época. Em se tratando de crianças pobres, após os 14 anos, continuavam servindo as casas dos senhores, afinal, de todo ainda era mais interessante ser aprendiz da casa que poderia prover-lhe o conhecimento para o futuro.

Porém, essa hostilidade em relação à criança começou a desmoronar. Um sentimento novo e inevitável começou a aparecer: a presença da criança passou a provocar um certo prazer em tê-las, cuidá-las, amá-las, a criança por sua

ingenuidade, gentileza e graça, constituía uma fonte de distração e relaxamento. Um tratamento diferencial em que a criança passa a ser vista como entretenimento para os adultos, o que Ariès (1978) denominou como “paparicação”.

A maneira como a criança é vista hoje começou a surgir a partir do século XVII quando se procurou preservar uma inocência infantil e a educação tornou-se uma preocupação das famílias, dos educadores e da Lei (COSTA, 2007). Crianças começaram a ser agrupadas por idade, tomando a condição de alunos: foi a multiplicação das escolas onde surgiu a preocupação em separá-las por idade, disciplinas e nível de instrução. Um processo que começou pelas camadas mais pobres, constituindo uma única oportunidade de promover-se socialmente (DOLTO, 2005).

No século XVIII, a preocupação com a higiene e a saúde física se tornou importante, não tanto pelo objetivo de manter um corpo saudável, mas sim por uma questão moral, por se acreditava que um corpo não saudável conduzia aos maus hábitos como os vícios, a preguiça, a moleza e concupiscência. A Igreja passou a se preocupar com a moralidade, procurando preservar a criança afastando-a da sordidez da vida e especialmente da sexualidade dos adultos (ARIÈS, 1978). Esse grande movimento moralista, promovido pelos reformadores católicos ou protestantes ligados à Igreja e ao Estado, contava com a cumplicidade sentimental da família, com o moralismo ocupando o lugar da afeição (MELLO NETO, 1994).

Ainda no século XVIII, o pensamento iluminista inspirou toda a educação até o século XX. Jean-Jacques Rousseau, um dos representantes desse momento histórico, defendeu uma natureza inocente, pura da criança, desprovida de toda sexualidade; originalmente, ela tinha maneiras de pensar e agir próprias à sua idade. Em razão disso, a criança precisava de uma educação apropriada para ela, priorizando o desenvolvimento de suas potencialidades, cujas regras foram elaboradas por Rousseau num Manual para Educadores e deveria ser seguido para que se formassem bons adultos. Tal manual foi tão bem aceito pelos pedagogos da Europa que foi fundamental para a mudança da mentalidade da época (COSTA, 2007).

O ano de 1789 representou um marco, uma nova sociedade priorizou a aprendizagem como um rito de passagem: era “o nascimento

da criança-indivíduo” (DOLTO, 2005 p.13). Porém, ainda a sociedade reconhecia esse indivíduo como ser capaz de fazer um trabalho útil. A escola teria substituído a aprendizagem tradicional e se tornado o principal meio de educação de maneira que a criança não mais estaria misturada à vida dos adultos (MELLO NETO, 1994).

Na Idade Média, a criança era “sepultada sob suas roupas, seu corpo aprisionado; os botões na frente ou nas costas de suas roupas eram o único elemento que supunham o sexo. Esta verdade anatômica foi julgada indigna dos filhos de Deus” (DOLTO, 2005, p.13). Somente no século XIX a criança se distinguiu, a expressão na arte fugiu às convenções, mostrando as diferenças, surgiram novos valores; os meninos usavam cabelos compridos; meninas usavam cabelos presos, vestidos e aventais. A sexualidade começou a despontar como identidade (DOLTO, 2005).

Os valores individuais ganharam mais importância, a burguesia revelou novas ideias, a ascensão do capitalismo produziu uma nova forma de vida; um novo olhar sobre a criança, ela então se transformou numa força de produção, “um investimento lucrativo para o Estado em longo prazo” (COSTA, 2007, p. 12). Um novo modelo pedagógico tratou de prepará-la no intuito de assegurar um homem bom e produtivo que sustentasse o futuro da civilização, principalmente por meio das novas escolas e a responsabilidade que as famílias começaram a manifestar, não só na moralização, como com a higiene e a saúde física. A criança neste momento já ocupava um lugar central na família.

No século XIX, uma característica marcante foi o angelismo, um movimento em que a criança se sobressaiu numa posição frágil, como evocasse uma origem divina do homem fazendo-o recordar a pureza primitiva como o aspecto mais nobre e carismático da condição humana. Esse movimento fez da criança vítima da sociedade, a dramatização da infelicidade (DOLTO, 2005).

Uma ambivalência apareceu colocando novamente a bondade da criança em questão: afinal, a criança se adaptava com facilidade em situações em que está em perigo, ela revelava esperteza, seus dons de imitações, seus vícios, suas simulações, eram astutos, eram capazes de conviver na violência social e muitas vezes se revelavam amorais. Uma nova visão naturalista pretendeu mostrar a criança como ela era, em

carne e osso, nem boa nem má, mas apenas viva (DOLTO, 2005).

Tais mudanças na concepção do infante podem ser ilustradas com a passagem a seguir:

Jules Vallès (A Criança) rompe com o melodrama naturalista sobre a criatura fraca, eterna e pequena vítima. Vítima sim, mas não resignada nem passiva. Em idade de defesa. Soa a hora da revolta. A insurreição da juventude tem seus primeiros sobressaltos durante a trágica utopia da Comuna. A criança de Vallès nas barricadas continua a escalada da qual Gavroche havia lançado a primeira pedra (DOLTO, 2005, pg. 32).

A ciência, a pedagogia, a pediatria, todas as especializações que surgiram em torno da criança passaram a imperar na sua formação, cuja normatização acabava por desqualificar a família de conduzir a educação de suas crianças, obedecendo aos ditames de um conhecimento científico (DOLTO, 2007). As instituições produziam a criança contemporânea (MELLO NETO, 1994).

Hoje a condição de ser da criança está subordinada a um espaço limitado, a casa e a escola delimitam as proibições, a criança é privada do contato com a natureza e com a vida dos adultos; não tem mais o direito de observar ou de se distrair. Dolto (2005) diz ainda que a criança contemporânea não sente mais o mundo: o frio, o calor, a chuva, vento, neve; não brincam na terra nem ouvem o barulho dos animais. Ela está à mercê dos perigos e do confinamento; tudo é mobilizado e restrito, destruindo a possibilidade da criança de descobrir seu próprio esquema corporal, a observar, imaginar e correr riscos e prazeres. A cultura não inscreveu a libido. Ao chegar em casa, é hipnotizada pela imagem da televisão:

essa boca grande que vomita imagens e informações pode impunemente chocar a criança para quem não temos mais tempo de explicar as coisas... é submetida a um bombardeamento quantitativo; ela não seleciona e os pais não tem tempo para fazê-lo com ela (DOLTO, 2005. p.52).

O trágico da nossa sociedade é que crianças com vivências e experiências da vida não são as mesmas que estão nas escolas. A identidade de grupo e as relações sociais fortale-

cem com garantias e benefícios que a superproteção contemporânea não pode competir. O discurso científico se colocou a serviço da ordem, a criança está submetida a uma instrução pública; a compreensão sobre a criança não mais está envolvida em seu potencial ou no que ela sente ou expressa, mas sim na minúcia de pesquisas experimentais como se fossem animais de laboratório. Cada vez mais confinadas, o recurso da contemporaneidade para as crianças é ampliar seus relacionamentos por meio da rede de internet, o brinquedo eletrônico tido não como um amigo, mas um instrumento (DOLTO, 2005).

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PARA A PSICANÁLISE

“A psicanálise sente-se à vontade no terreno das narrativas, afinal, trocando em miúdos, uma vida é uma história, e o que contamos dela é sempre algum tipo de ficção; sempre será uma trama, da qual parcialmente escrevemos o roteiro”(Corso & Corso).

Sem dúvida, a psicanálise ocupou e ocupa até hoje um papel fundamental neste novo olhar lançado para a criança; inicialmente a criança é tida como um ser sem importância, imaturo e assexuado que perpassa pela não admissão do seu desejo; e foi somente a partir de Freud que esta concepção se atualiza, compreendendo a criança como um ser de natureza infantil, cuja sexualidade não mais poderia ser confundida com a sexualidade adulta (COSTA, 2007).

Esse foi um momento teórico muito importante no desenvolvimento da teoria psicanalítica, no qual o relevante não são mais os fatos da infância, mas a realidade psíquica, constituída pelos desejos inconscientes e pelas fantasias a ela vinculadas, tendo como pano de fundo a sexualidade infantil (COSTA, 2007, p. 14).

Freud, que primeiramente não se interessava em estudar as crianças, nas suas observações sobre as neuroses, acaba por encontrar um infantil que se mantinha no adulto. E é deste infantil da realidade psíquica e não da realidade factual que se ocupa a lógica do inconsciente. Em sua teoria, Freud apresenta ao mundo sua posição revolucionária em que a criança é dotada de características sexuais, que seu corpo

é um corpo pulsional, um corpo de desejo, e em muito se assemelha ao adulto em suas angústias e fantasias. Com o caso de Pequeno Hans, Freud estabeleceu as bases teóricas de análise com crianças, abrindo as portas para o desenvolvimento da psicanálise infantil (COSTA, 2007).

Na primeira infância, o complexo de Édipo revela-se como o fenômeno central do período sexual. Freud (1924) diz que o complexo de Édipo ofereceu às crianças duas possibilidades de satisfação, uma ativa e outra passiva, ocupando o lugar do pai (e ter relações com a mãe) ou da mãe (e ser amada pelo pai). Na verdade, a criança tem apenas vagas noções quanto ao que é uma relação erótica satisfatória, mas sabe que o pênis faz parte desta relação, por meio das sensações que seu próprio órgão oferece. O conflito que ocorre nas crianças é o medo de uma castração como forma de punição ao Édipo. Se a satisfação do amor custa-lhe o pênis, o ego narcísico opta por abrir mão da catexia libidinal de seus objetos parentais. As catexias são abandonadas e substituídas por identificações, a autoridade dos pais é introjetada no ego, formando o núcleo do superego, a lei é representada pela severidade do pai, perpetuando assim a proibição contra o incesto.

A angústia da castração vem daquilo que fragmentamos para engolir. Há uma representação inconsciente desse fato. É uma angústia de divisão que se fixa particularmente sobre o que “ultrapassa” as partes protuberantes do corpo. Os egípcios apertavam os braços dos mortos para que o corpo chegasse inteiro ao reino das sombras. Para que a criança continue a evoluir integralmente, é preciso que ela tenha consciência de preservar a integridade do próprio corpo (DOLTO, 2005, p. 17).

Para Bernardino (2006), Freud mostrou como o ser humano revive, no seio de sua família e nos primeiros anos da infância, esse processo de inserção da humanidade na cultura. Isso ocorreu mediante a Lei básica que o fundou: a Lei da Proibição do Incesto. Lacan então faz uma releitura de Freud para esclarecer que esta Lei é tão fundamental por reger uma ‘aliança’ que está acima do reino da natureza e do reino da cultura, pois retira o homem de um campo animal e instintivo. Assim, uma “Lei da Cópula” o regula para sua sobrevivência, e a reprodução

está regida por um sistema simbólico: o objeto materno é proibido e quem sustenta esta lei é o pai – o detentor do falo, a Cultura de uma Sociedade patriarcal, o suporte da função simbólica identifica a pessoa à figura da lei.

Então, há um campo Simbólico, constituído por leis, por um código de comunicação específico para cada povo e cultura sustentada por uma estrutura de linguagem mediada por um sistema de representações no qual se nomeiam pessoas, objetos, fenômenos distanciando-os da sua realidade. O homem será capaz de significar-se a si mesmo, os outros e o mundo que o rodeia, mesmo que não seja possível simbolizar tudo.

A castração é o processo de simbolização do ser humano. Boukobza (2006) citando Françoise Dolto, entende que não há apenas uma castração, mas várias, que ao longo da vida são representadas pela castração do cordão umbilical (nascimento), castração oral (desmame), a castração primária (assunção pela criança de seu sexo), e a castração edípica (interdito do incesto). Quando finda a castração edípica, se constrói o narcisismo secundário da criança. As castrações modelam a imagem do corpo e dão acesso à simbolização.

Foi a partir de Lacan que o termo sujeito ganha espaço, tratar da questão do que é o sujeito implica tratar do processo da sua constituição. Em geral, as diversas abordagens da psicologia definem personalidade como um resultado interativo de fatores genéticos, ambientais e comportamentais do indivíduo. A psicanálise se opõe radicalmente a essas concepções, pois o campo psíquico não é um efeito interativo e secundário de ordens positivas. A noção central do campo psíquico é justamente a de sujeito. O sujeito, portanto, se constitui, não “nasce” e não se “desenvolve”, e sim, se constitui do campo da linguagem (ELIA, 2004). Enquanto não encontra seu próprio sentido, ao humano recém-nascido resta corresponder ao sentido que lhe dão, processo que Lacan denomina alienação. É preciso alienar-se no desejo e nas palavras de um outro da espécie para poder ter existência simbólica, e é no contato com o outro que o organismo vai sendo aos poucos simbolizado (BERNARDINO, 2006).

Lacan ampliou a importância do sentido dado desde a família ao complexo de castração, colocado no centro do vir a ser do ser humano como um limite universal, que podemos dizer da

relação do bebê e da mãe, do homem e a natureza, da cultura e do animal humano. Dessa forma, o acesso à linguagem se dá na forma de perda, de amputação e de alienação no Outro genérico. (MELLO NETO, 1994). Dolto (2005) diz que a psicanálise nos mostra importância da transmissão dos valores da família como potencialidades estruturais, exercendo um lugar fundamental nessa constituição.

Então, a psicanálise vê um sujeito em sua raiz social (que não deve ser desconsiderada), e um sujeito do inconsciente que por este é gerado, compreendendo melhor: a dimensão social é essencial à constituição do sujeito do inconsciente. Como condição a priori de sobrevivência, o humano necessita de uma família ou de substitutos sociais e jurídicos, é o desamparo fundamental denominado por Freud como a condição humana de exigir a intervenção de um adulto próximo que perpetre a ação específica e necessária para a sobrevivência do ser humano desamparado. Lacan propõe chamar de Outro (com 'o' maiúsculo) para designar não apenas o adulto próximo de que fala Freud, mas também a ordem que este adulto encarna para o bebê recém nascido num mundo humano, social e cultural: o Outro Simbólico (ELIA, 2004).

Elia (2004) elucida que é o representante materno que transmite uma estrutura significativa e inconsciente para o bebê, esta estrutura como um conjunto de marcas materiais e simbólicas que denominamos significantes. Estes significantes introduzidos pelo Outro materno suscitam no bebê, um ato de resposta que se chama sujeito; mas não podemos dizer que o Outro determina completamente o sujeito, mas sim o trabalho de significação que por este é feito. Antes de supor o Outro, temos que supor o prévio ao sujeito, ou seja, muito antes do bebê surgir na cena do mundo, ele já se encontra constituído não só pela cultura, sociedade e família, mas com todos os elementos complexos, inclusive a linguagem. O sujeito é sujeito da linguagem.

Podemos dizer que Freud precisou falar deste objeto de necessidade do bebê humano para poder dizer do objeto de desejo relacionado à satisfação; o psiquismo procurará reencontrar o objeto segundo as linhas em que foi registrado psiquicamente e esta busca é o desejo. Mas foi Lacan quem introduziu entre a necessidade e o

desejo algo que podemos denominar demanda, ou seja, dizer de uma busca de saciar o desejo e a necessidade de amor provenientes do Outro, que, fragmentados pelos significantes, se transforma em pulsão (ELIA, 2004).

OS CONTOS DE FADAS

“Agora começamos também a compreender a “magia” das palavras. É que as palavras são o mediador mais importante da influência que um homem pretende exercer sobre o outro; as palavras são um bom meio de provocar modificações anímicas naquele a quem são dirigidas, e por isso já não soa enigmático afirmar que a magia das palavras pode eliminar os sintomas patológicos, sobretudo aqueles que se baseiam justamente nos estados psíquicos.” Freud, S. [1905] 1996.

Os Contos de Fadas surgem historicamente por volta do século XIV e perduram até a contemporaneidade. Essas histórias contadas hoje são resultado de diversas reelaborações da sociedade europeia do século XVIII e XIX, muitas vezes condensadas ou confundidas umas com as outras (CHAUÍ, 1984), ou mesmo modificadas conforme os problemas especiais de cada época (BETTELHEIM, 2007).

Os Contos nem sempre foram destinados às crianças. Essas narrativas eram feitas para um público coletivo que se emocionava com o Contador de Histórias. Com o passar do tempo, a forma dessas narrativas foi se adequando a novas formas de linguagem, os livros se popularizam e seu uso se destina à crescente alfabetização da sociedade; como a alfabetização cada vez mais foi realizada entre os infantes, houve este deslocamento dos Contos populares para os Contos de Fadas, destinado ao público infantil (CORSO, 2006).

Para Corso (2006), contos de fadas podem evoluir, identificando-se com situações modernas, buscando novas formas que a fantasia encontrou de se conjugar, representando famílias, crianças, pessoas de nosso tempo. Velhas tramas vestindo novos trajes.

Bettelheim (2007) elucida as diferenças entre os Contos de Fadas e os mitos populares, ainda que inicialmente ambos representem as experiências cumulativas de determinadas so-

³Falar de capital específico é dizer que o capital vale em relação a um certo campo, portanto dentro dos limites deste campo, e que ele só é convertível em outras espécies de capital sob certas condições (BOURDIEU, 1983, p. 90).

ciedades, eles discordam entre si por suas características próprias. O mito é majestoso, transmite força espiritual mediante da figura divina e heróica, muitas vezes, sobre-humana. O conto de fadas é apresentado de uma maneira simplificada e despretensiosa, nenhuma solicitação é feita ao ouvinte; a esperança para o futuro oferece a promessa de um final feliz.

Dolto (2005) compreende que os mitos e os contos inicialmente surgem de um folclore comum, com a intenção de ajudar as crianças na passagem para o mundo adulto, falando dos riscos de da autodefesa. Porém, enquanto os mitos trazem em seus personagens idealizações do Superego, os Contos de fadas evocam uma integração do Ego que permite a satisfação dos desejos do Id; "... essa diferença destaca o contraste entre o pessimismo penetrante dos mitos e o otimismo fundamental dos contos de fadas" (DOLTO, 2005. Pg. 38).

Contos de Fadas nem sempre tem fadas presentes em sua narrativa. Então, porque chamamos Contos de fadas? Corso (2006) cita um importante estudioso russo, Vladimir Propp, um estruturalista dos contos populares, que, visando identificar seus elementos narrativos, denominou então os contos como "Contos Maravilhosos" pela presença de um elemento mágico ou fantástico nessas histórias. As fadas não necessariamente estão presentes, mas sim algum elemento extraordinário, surpreendente, encantador. O tradicional começo "Era uma vez" assegura a entrada para um mundo com possibilidades e lógicas (como a encontrada no inconsciente) diferentes, em que os fatos surpreendentes são garantidos.

Não se pode dizer que um determinado conto de fadas se destina a um tipo específico de criança ou mesmo uma idade adequada. Somente o ouvinte poderá determinar a força com que reage emocionalmente, como subjetiva os problemas apresentados, como faz suas identificações e enfrentamentos constituindo uma oportunidade única de sentir que ele, por conta própria, por meio de repetidas audições e ruminações acerca da história, galgou êxito numa situação difícil (BETTELHEIM, 2007).

É muito comum que as crianças exijam que lhe contem as histórias repetidas vezes; essa relação quase maníaca e obsessiva da criança com a narrativa é essencial. Chauí (1984) corrobora que há um sentido de estabilidade – o fato de permanecer sem alteração,

algo que oferece a segurança de que a criança muitas vezes busca para atenuar suas fantasias do cotidiano, com as quais tem que lidar com desaparecimentos e reaparecimentos, com as mudanças que se apresentam na sua rotina. Bettelheim (2007) diz ainda que muitas vezes, para a criança, o mundo real é desconcertante; ela tem a necessidade que lhe seja dada uma oportunidade de entender a si própria e como deve lidar com seu meio. Por meio dos contos de fadas, ela pode compreender mais sobre seus problemas íntimos do que qualquer outra história para crianças. A criança necessita de ajuda para encontrar sentido no turbilhão de sentimentos que vivencia, precisa de ideias de como irá colocar ordem na sua subjetividade, e com base nisso ter ordem na sua vida. Necessita de uma educação moral que, de modo sutil e implicitamente, a conduza as vantagens do comportamento moral, não por meio de conceitos abstratos, mas de uma maneira que lhe pareça tangível e, portanto significativa, a criança encontra esse tipo de significado nos contos de fadas.

Tradicionalmente, os Contos de Fadas foram transmitidos para as crianças de forma oral, foram contadas e recontadas inúmeras vezes, e exigiam da criança todo um complexo de organização que a levava a imaginar cada cena de forma única e subjetiva. A linguagem contemporânea conta com diversos recursos, e a imagem representa o "carro-chefe" na vida infantil. Não podemos dizer que as crianças perdem elementos essenciais para a imaginação, mas podemos dizer que elas perdem um recurso essencial: o Contador das histórias. Contar histórias às crianças não é apenas um jeito de dar prazer à elas, mas também é um modo de ampará-las em suas angústias, ajudá-las a nomear o que não podia ser dito, ampliar o espaço da fantasia e do pensamento. A ficção acaba representando uma saída para que certas verdades se imponham. Sem contar ainda com o espaço dos pais junto à seus filhos, diga-se de passagem, um lugar que hoje os adultos relutam em ocupar no afã de se conservar eternamente adolescentes. As narrativas são uma maneira de dizer coisas significativas aos filhos, dia após dia, até perceber que eles estão deixando de lhes dar ouvidos, o que significa que o poder sobre eles acabou – mas o amor continua (CORSO, 2006).

Os elementos assustadores presentes nos contos de fadas ensinam os pequenos a enfrentar o medo. Crianças procuram e desejam o

medo; elas exigem que os adultos repitam várias vezes os trechos mais amedrontadores dos contos de fadas; o medo é uma das sementes privilegiadas da fantasia e da invenção, é um sentimento vital que nos protege dos riscos da morte. Em função dele, incitamos também o sentido de curiosidade e coragem, possibilitando a expansão das pulsões de vida. O medo, o prazer do mistério e o desafio respondem o máximo de suas fantasias de onipotência (CORSO, 2006).

Bettelheim (2007) diz que a criança precisa entender o que está se passando dentro de seu eu consciente, para que possa também, enfrentar o que se passa em seu inconsciente; a criança pode atingir esse entendimento, e, com ele, a capacidade de enfrentamento, não pela compreensão racional da natureza e do conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele graças à fabricação de devaneios, ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos externos dentro dos contos de fadas apropriados em resposta a pressões inconscientes. Ao fazer isso, a criança adapta o seu conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, e isso a ajuda lidar consigo mesma.

O inconsciente é um determinante poderoso do comportamento humano, e se ele é recalçado e nega-se a entrada de seu conteúdo à consciência, eventualmente a mente consciente será dominada por derivativos desses elementos inconscientes, caso contrário, esta se verá forçada a manter um controle de tal forma rígido e compulsivo sobre eles que sua personalidade poderá vir a ser gravemente danificada. Mas, quando o material inconsciente tem permissão de aflorar à consciência e ser trabalhado na imaginação, seus danos potenciais ficam reduzidos (BETTELHEIM, 2007).

Ouvir histórias é um dos recursos das crianças que lhe situam num lugar, família e no mundo. Essa linguagem possibilita aos pequenos um contato com a realidade que lhes ocultamos quando não queremos dizer o quão pesada é a vida e que tememos que percam as esperanças (CORSO, 2006). Bettelheim diz ainda, “os contos de fadas têm um valor inigualável, pois oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela seria incapaz de descobrir por si só de modo tão verdadeiro” (2007, p.13).

Há uma tendência nos pais de afastar os filhos de suas angústias, fantasias raivosas e violentas, como se a natureza humana não fosse a própria fonte; ao invés disso, pretendem

que seus filhos acreditem que os homens são inerentemente bons, sem contar que elas próprias reconhecem em si tais sentimentos, contradizendo o que lhes é dito pelos pais e, desse modo, a criança acaba se vendo como um monstro (BETTELHEIM, 2007).

Para Chauí (1984), os adultos ficam chocados com essa violência apresentada pelos contos de fadas, e ficam surpresos com o fato de que não a percebiam quando eram crianças, comprazendo-se nela – pois se apoiavam na certeza do tradicional “*e foram felizes para sempre*” cumpridos no final dos contos. O temor do adulto está relacionado ao seu medo inconsciente de que a criança o identifique com o “mau”, porém, a criança contrabalança sua identificação com o “bom”, discriminando, por meio da fantasia, momentos que lhe seriam difíceis sem o material imaginário.

Procura-se ensinar que o lado obscuro do homem não existe, retratando um otimismo irreal. A psicanálise foi criada para capacitar ao homem aceitar a natureza problemática da vida e não ser derrotado por ela, só se lutando contra o que aparenta ser desvantagens esmagadoras o homem consegue encontrar sentido em sua existência (BETTELHEIM, 2007).

Um dia as crianças terão de enfrentar situações difíceis; os contos de fadas funcionam como antecipações que lhes permitem dominar o medo do “mundo cruel” que mais cedo ou mais tarde certamente terão de enfrentar. Os contos de fadas ajudam-nas a elaborar seus conflitos mais íntimos (CORSO, 2006). Os contos de fadas transmitem essa mensagem para a criança de forma variada, que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, faz parte da existência humana, mas que se a pessoa não se intimida e se defronta com as provações inesperadas e muitas vezes injustiçada, dominará todos os obstáculos e ao fim emergirá vitoriosa (BETTELHEIM, 2007).

Para Corso (2006), não existe infância sem fantasia. É nesse aspecto que reside uma das relações mais importantes entre os Contos de Fadas e a Constituição do Sujeito Psicanalítico. A fantasia se alimenta da ficção, Contos de Fadas representam a ficção com elementos clássicos que não mudam nunca: são temas de amor, relações familiares e a construção de identidades do ser humano que se inspiram nessas narrativas. A maneira como cada um subjetiva o conto, como podem evocar leituras de seus con-

teúdos inconscientes e trabalhar seus conflitos íntimos diz como a simbolização é fundamental na infância para a passagem no mundo adulto.

Segundo Chauí (1984), crianças também experimentam sentimentos de temor e ódio, inclusive pelos adultos. Torcer pelas “bruxas”, “ogros” ou “dragões” é uma boa maneira de dar vazão à agressividade, que, de outro modo, seria punida se fosse manifestada. Não podemos desconsiderar que muitas vezes o “bom” parece estar tão longínquo, enquanto o “mau” lhe parece tão próximo e tão poderoso, não é isento de atrações. Bettelheim (2007) fala deste prazer que sentimos ao podemos falar da morte, do envelhecimento, do desejo da vida eterna, dos limites da existência. É básico. É humano. Mas não é o fato de o malfeitor ser punido no final que imprime moral à estória; nos contos de fadas, como na vida, a punição ou o medo é apenas um fator para inibir o crime. O herói é atraente para a criança porque passa a convicção que o crime não compensa; ela sofre junto com o herói em todas as suas provas e atribuições, e triunfa com ele quando a virtude sai vitoriosa. As identificações da criança são feitas por conta própria e as lutas interiores e exteriores do herói lhe imprimem moralidade.

ANÁLISE DA ESTÓRIA “CHAPÉUZINHO VERMELHO”

Esta análise utilizará a teoria psicanalítica como fundamentação teórica, como forma de ilustrar melhor o conteúdo de análise, apresenta duas versões da estória de Chapeuzinho Vermelho, de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm.

Chapeuzinho Vermelho
Perrault

“Certo dia, a mãe de uma menina mandou que ela levasse um pouco de pão e de leite para sua avó. Quando a menina ia caminhando pela floresta, um lobo aproximou-se e perguntou-lhe aonde ia:

Para a casa da vovó – ela respondeu:

Por que caminho você vai, o dos alfinetes ou o das agulhas?

O das agulhas.

Então o lobo seguiu pelo caminho dos alfinetes e chegou primeiro à casa. Matou a avó, despejou

seu sangue numa garrafa e cortou sua carne em fatias, colocando tudo numa travessa. Depois, vestiu sua roupa de dormir e ficou deitado na cama, a espera.

Pam, pam !.

Entre, querida.

Olá vovó. Trouxe para a senhora um pouco de pão e leite.

Sirva-se também de alguma coisa. Há carne e vinho na copa.

A menina comeu o que lhe era oferecido e, enquanto o fazia, um gatinho disse:

Menina perdida! Comer a carne e beber o sangue da sua avó!

Depois o lobo disse:

Tire a roupa e deite-se na cama comigo.

Onde ponho o avental?

Jogue no fogo. Você não vai mais precisar dele.

Para cada peça de roupa – corpete, saia, anágua e meias – a menina fazia a mesma pergunta. E cada vez, o lobo respondia:

Jogue no fogo. Você não vai precisar mais dela.

Quando a menina se deitou na cama, disse:

Ah, vovó! Como você é peluda!

É para me manter mais aquecida, querida.

Ah, vovó! Que ombros largos você tem!

É para carregar melhor a lenha, querida!

(...) Até que ela perguntou:

Ah, vovó! Que dentes grandes você tem!

É para comer melhor você, querida!

E ele a devorou”.

(Usina de Letras)

Chapeuzinho Vermelho
Irmãos Grimm

Era uma vez...

Uma menina tão doce e meiga que todos gostavam dela. A avó, a adorava, e não sabia mais que presente dar à criança para agradá-la. Um dia ela presenteou-a com um chapeuzinho de veludo vermelho. O chapeuzinho agradou tanto a menina e ficou tão bem nela, que ela queria ficar com ele e o tempo todo. Por causa disso, ficou conhecida como Chapeuzinho Vermelho.

Um dia, sua mãe lhe chamou e disse:

-Chapeuzinho, leve este pedaço de bolo e essa garrafa de vinho para sua avó. Ela está doente e fraca, e isto vai fazê-la ficar melhor. Comporte-se no caminho, e de modo algum saia da estrada, ou você pode cair e quebrar a garrafa de vinho, e ele é muito importante para a recuperação de sua avó.

Chapeuzinho prometeu que obedeceria sua mãe pegando a cesta com o bolo e o vinho, despediu-se e partiu.

Sua avó morava no meio da floresta, distante uma hora e meia da vila. Logo que Chapeuzinho entrou na floresta, um Lobo apareceu na sua frente. Como ela não o conhecia nem sabia que ele era um ser perverso, não sentiu medo algum.

-Bom dia Chapeuzinho – saudou o Lobo.

-Bom dia Lobo –ela respondeu.

-Aonde você vai assim tão cedinho, Chapeuzinho?

Vou à casa da minha avó.

E o que você está levando aí nessa cestinha?

— Minha avó está muito doente e fraca, e eu estou levando para ela um pedaço de bolo que a mamãe fez ontem, e uma garrafa de vinho. Isto vai deixá-la forte e saudável.

— Chapeuzinho, diga-me uma coisa, onde sua avó mora?

— A uns quinze minutos daqui. A casa dela fica debaixo de três grandes carvalhos e é cercada por uma sebe de avelheiras. Você deve conhecer a casa.

O Lobo pensou consigo:

— “Esta tenra menina é um delicioso petisco. Se eu agir rápido posso saborear sua avó, e ela como sobremesa.”

Então o Lobo disse:

— Escute Chapeuzinho, você já viu que lindas flores há nessa floresta? Por quê você não dá uma olhada? Você não está ouvindo os pássaros cantando? Você é muito séria, só caminha olhando para a frente. Veja quanta beleza há na floresta.

Chapeuzinho então olhou a sua volta, e viu a luz do sol brilhando entre as árvores, e viu como o chão estava coberto com lindas e coloridas flores, e pensou:

— Se eu pegar um buquê de flores para minha avó, ela vai ficar muito contente. E como ainda é cedo, eu não vou me atrasar.

E, saindo do caminho entrou na mata. E sempre que apanhava uma flor, via outra mais bonita adiante, e ia atrás dela. Assim foi entrando na mata cada vez mais.

Enquanto isso, o Lobo correu à casa da avó de Chapeuzinho e bateu na porta.

— Quem está aí? - perguntou a velhinha.

— Sou eu, Chapeuzinho - falou o Lobo disfarçando a voz - Vim trazer um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho. Abra a porta para mim.

— Levante a tranca, ela está aberta. Não posso

me levantar pois estou muito fraca. — respondeu a vovó.

O Lobo entrou na casa e foi direto à cama da vovó, e a engoliu antes que ela pudesse vê-lo. Então ele vestiu suas roupas, colocou sua touca na cabeça, fechou as cortinas da cama, deitou-se e ficou esperando Chapeuzinho Vermelho.

E Chapeuzinho continuava colhendo flores na mata. E só quando não podia mais carregar nenhuma é que retornou ao caminho da casa de sua avó.

Quando ela chegou lá, para sua surpresa, encontrou a porta aberta.

Ela caminhou até a sala, e tudo parecia tão estranho que pensou:

— Oh, céus, por quê será que estou com tanto medo? Normalmente eu me sinto tão bem na casa da vovó...

Então ela foi até a cama da avó e abriu as cortinas. A vovó estava lá deitada com sua touca cobrindo parte do seu rosto, e, parecia muito estranha...

— Oh, vovó, que orelhas grandes a senhora tem! — disse então Chapeuzinho.

— É para te ouvir melhor.

— Oh, vovó, que olhos grandes a senhora tem!

— É para te ver melhor.

— Oh, vovó, que mãos enormes a senhora tem!

— São para te abraçar melhor.

— Oh, vovó, que boca grande e horrível a senhora tem!

— É para te comer melhor — e dizendo isto o Lobo saltou sobre a indefesa menina, e a engoliu de um só bote.

Depois que encheu a barriga, ele voltou à cama, deitou, dormiu, e começou a roncar muito alto.

Um caçador que ia passando ali perto, escutou e achou estranho que uma velhinha roncasse tão alto, então ele decidiu ir dar uma olhada.

Ele entrou na casa, e viu deitado na cama o Lobo que ele procurava há muito tempo. E o caçador pensou:

— Ele deve ter comido a velhinha, mas talvez ela ainda possa ser salva. Não posso atirar nele. Então ele pegou uma tesoura e abriu a barriga do Lobo.

Quando começou a cortar, viu surgir um chapeuzinho vermelho. Ele cortou mais, e a menina pulou para fora exclamando:

— Eu estava com muito medo! Dentro da barriga do lobo é muito escuro!

E assim, a vovó foi salva também.

Então Chapeuzinho pegou algumas pedras

grandes e pesadas e colocou dentro da barriga do lobo.

Quando o lobo acordou tentou fugir, mas as pedras estavam tão pesadas que ele caiu no chão e morreu.

E assim, todos ficaram muito felizes.

O caçador pegou a pele do lobo.

A vovó comeu o bolo e bebeu o vinho que Chapeuzinho havia trazido, e Chapeuzinho disse para si mesma:

— Enquanto eu viver, nunca mais vou desobedecer minha mãe e desviar do caminho nem andar na floresta sozinha e por minha conta.

(MiniWeb)

As versões mais famosas deste Conto clássico são as de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm. Desde Perrault, essa história vem sendo suavizada. Na primeira versão escrita de que temos notícia, datada de 1697, Perrault concede à Chapeuzinho um final nada feliz. Esse diálogo mundialmente famoso acima citado é escutado há incontáveis gerações e faz parte do clímax de Chapeuzinho Vermelho. A criança, ao ouvir a estória, fica eletrizada, ansiosa com o destino da menina que será devorada, capaz de prever cada frase, pois já sabe de cor e quer ouvi-la todas as vezes sem nenhuma modificação.

Nesta versão, que começa como todas as outras, a estória adquire um caráter de fábula moral, ensina que quem transgride as regras se expõe ao perigo, é punido e fim de estória. Chapeuzinho é devorada pelo lobo. Perrault traz um poema expondo a moral a ser extraída da estória, alertando as meninas ingênuas sobre os perigos dos lobos de fala mansa. A mãe de Chapeuzinho lhe dá a tarefa de levar guloseimas para a avó que está doente, mas não a alerta sobre os perigos da floresta. A menina encontra o lobo no caminho e lhe diz que vai à casa da avó. O lobo corre para lá, consegue entrar na casa fingindo ser Chapeuzinho e devora a avó (CORSO, 2006).

Nesta versão de Perrault, não há disfarces com a roupa da avó, o lobo simplesmente se deita na cama, onde aguarda a menina, que ao chegar é convidada pelo lobo a se juntar a ele, onde se dá o famoso diálogo, e então devora a menina e fim (BETTELHEIM, 2007).

Uma questão interessante sobre a estória versa sobre o porquê o lobo não devora Chapeuzinho na floresta, em uma versão fala-se que havia lenhadores por perto, mas a razão

parece ser outra, ele deve antes eliminar a avó, que representa a figura materna. Isso nos traz a ideia de que enquanto a mãe estiver por perto, o lobo não terá êxito em sua empreitada. Mas, tão logo a mãe não esteja perto, o lobo poderá agir de acordo com seus desejos, que até então não podiam vir à tona; nesse nível a estória lida com desejos inconscientes de a filha ser seduzida pelo pai, aqui representado pelo lobo (BETTELHEIM, 2007).

Ainda para Bettelheim (2007), Perrault tira muito do valor de um conto de fadas, quando lhe confere explicações detalhando seus significados. Todos os contos de fadas têm vários níveis de significado e só a criança pode saber quais são importantes para ela naquele momento. Este é o sentido: a criança deve descobrir de forma espontânea e intuitiva seus significados ocultos, e essa descoberta faz com que uma estória passe de algo dado a criança para algo que ela cria para si própria. De qualquer modo, os dois caminhos representam o sofrimento, o das agulhas e o dos alfinetes; seja qual for a escolha da criança, ela vai saber que não será tarefa fácil.

Em 1857 os irmãos Grimm, escreveram a sua versão, que passa a ter um caráter de contos de fadas. Esta versão adquire diferenças: após Chapeuzinho ter sido devorada, um lenhador que passava por perto escutou o ronco do lobo, e entrou na casa da avó, cortou a barriga do lobo, retirando a avó e Chapeuzinho, ambas vivas, de seu ventre; então encheram a barriga do lobo com pedras, e quando este foi beber água, acaba afundando e morrendo (CORSO, 2006).

Em sua casa, Chapeuzinho está segura, encontra-se protegida pelos pais, é a criança sem preocupações que é perfeitamente apta a enfrentar as situações, o que não ocorre na casa da avó, onde ela se encontra fragilizada e incapacitada em decorrência de seu encontro com o lobo. Em seu lar, há fartura de alimentos, e Chapeuzinho irá partilhar sua fartura com a avó. Aqui podemos dizer que ela já havia ultrapassado a fase da angústia oral. O mundo externo não lhe parece nada ameaçador, ela conhece o caminho para a casa da avó e sua mãe lhe previne que dele ela não se afaste. Chapeuzinho sai de sua casa voluntariamente – coisa que não acontece com João e Maria, que foram “empurrados para o mundo”; não teme o mundo externo, pelo contrário, vê nele sua beleza e aí reside o peri-

go: um mundo demasiado atraente poderá atrair Chapeuzinho a ter um comportamento regido pelo Princípio do Prazer, em lugar do Princípio de Realidade que sua mãe presume ter ensinado para a menina. Se Chapeuzinho se deixar levar pelo Princípio do Prazer, eventos destrutivos podem ocorrer (BETTELHEIM, 2007).

Nesta versão do Conto, este dilema entre o Princípio do Prazer e o Princípio de Realidade é explicitado na seguinte fala do lobo: *“Veja como são belas as flores ao seu redor. Porque não dá uma olhada por aí? Acho que nem ouve como os passarinhos cantam bonito. Caminha atenta e concentrada como se fosse para a escola, enquanto que aqui na floresta tudo é alegria”*. Essa passagem representa o conflito entre fazer o que se gosta de fazer e o que se deve fazer, a respeito do qual a mãe de Chapeuzinho a avisara, ao aconselhá-la a não sair da estrada para a casa da avó. Dessa forma, a mãe está ciente das tendências de Chapeuzinho se desviar do caminho e olhar pelos cantos a fim de tentar descobrir os segredos dos adultos (BETTELHEIM, 2007).

Pode-se dizer que esta ambivalência entre o Princípio do Prazer e o Princípio de Realidade é um tema latente no conto; Chapeuzinho quer colher as flores, tantas que nem pode carregá-las; quer realizar seus desejos, mas lembra da avó e segue seu caminho. Somente quando colher flores deixou de ser prazeroso ao Id que recua em sua busca de prazer, é que Chapeuzinho volta a se dar conta de suas obrigações (BETTELHEIM, 2007).

A criança é dominada pelo que Freud (1920) denominou Princípio do Prazer, uma tendência inata do organismo de busca de satisfação imediata; essa tendência busca uma descarga de energia psíquica, não importando nada, nem o real, nem o outro nem mesmo sua própria sobrevivência. Visa evitar a dor e buscar o prazer. Este princípio se opõe ao Princípio de Realidade, um princípio adquirido pelas funções do Ego, que pressiona o Id adiando esta gratificação, o indivíduo aprende a suportar a dor impondo limites internos e externos. São princípios antagônicos que, segundo Freud, são fundamentais para haver uma civilização.

Pois bem, quer seja pelas flores do caminho, quer seja pelo prazer de uma corrida, o certo é que Chapeuzinho não leva sua tarefa a sério, ela a cumpre brincando (CORSO, 2006). Chapeuzinho é uma criança ingênua, que não

sabe, e ainda não suporta saber sobre o sexo, mas tem a intuição que há algo mais que anima os seres humanos. Apesar de levar doces para a avó, parecendo que na vida comer é a maior satisfação e uma solução para todos os males, já que a avó ficará boa da doença ao comer os doces, no caminho Chapeuzinho encontra outros encantos, como as flores, borboletas, a lábia do lobo e o prazer de brincar (CORSO, 2006).

Chapeuzinho representa a transição da aparente inocência infantil para o conhecimento da existência de práticas sexuais adultas; essa estória nos atinge de maneira forte em seu apelo quando se identifica no adulto essa posição de Chapeuzinho Vermelho, pois descobrimos que as demandas sexuais existem, e, curiosos, passamos a tentar descobrir no que ela nos diz respeito (CORSO, 2006). Chapeuzinho é uma criança que luta contra dificuldades pré-púberes, para as quais ainda não se encontra preparada emocionalmente por não ter dominado seus conflitos edipianos, trazido de maneira simbólica por meio dos perigos da floresta. Quando Chapeuzinho se desvia do caminho, e deixa de cumprir sua tarefa, ela abandona as virtudes de obediência que se espera de uma criança em idade escolar, e reverte a criança edipiana em busca do prazer; e ao ceder a conversa do lobo e lhe dizer o caminho para a casa da sua avó, ela cria a oportunidade para que o lobo devore sua avó. Nesse nível, a estória fala das dificuldades edipianas mal resolvidas na menina, e o fato de ela depois ser devorada, representa um castigo por ter arranjado as coisas de modo que o lobo eliminasse uma figura materna, no caso a avó (BETTELHEIM, 2007).

A figura materna da mãe, que tem importância vital em outros contos de fadas, encontra-se reduzida quase à nulidade em Chapeuzinho Vermelho, pois nem a mãe e tampouco a avó podem fazer algo para proteger a menina. Em contraste, o macho é de importância capital, que se mostra de duas formas opostas: o perigoso sedutor que, se permitido, será o destruidor da avó e da menina; e o caçador, representando a figura paterna boa e responsável, forte e salvadora. É na figura desses dois machos representativos da estória que encontramos as tendências egoístas, antisociais, violentas e potencialmente destrutivas do Id - na figura do lobo; e as tendências altruístas, sociais, amáveis e protetoras do Ego - na figura do caçador (BETTELHEIM, 2007).

A estória de Chapeuzinho Vermelho alerta para os perigos que as crianças correm em razão de sua ingenuidade, diante da maldade de lobos perversos, ilustra também que as crianças podem se expor em demasia, em função de sua curiosidade sexual e dos desejos eróticos que se encontram confusos em seu interior. No conto, Chapeuzinho tem a atitude de dar confiança a um estranho, demonstrando não só aspectos de sua ingenuidade, como também uma clara conotação erótica. Perante a sexualidade velada no amor familiar, a criança pequena é ingênua como Chapeuzinho, mas é ousada como ela. Logo pode não saber que jogo está sendo jogado, mas é claro o seu interesse em participar (CORSO, 2006).

Ainda para Corso (2006), no Conto de Chapeuzinho Vermelho encontramos vários elementos que tem a incumbência de auxiliar nas sequelas psíquicas do desmame, ajudando a organizar as fobias necessárias, mas é fundamentalmente evocativa de uma corrente erótica que marca a relação da criança com os adultos. Também se revela uma Chapeuzinho virtuosa, porém, suas virtudes não a impedem de ser tentada. A mensagem aqui é que confiar nas boas intenções dos outros pode nos deixar sujeitos à armadilhas; a maldade de 'lobos perversos' podem se expor em função da curiosidade e dos desejos eróticos confusos das crianças.

A sexualidade nascente de Chapeuzinho se constitui em um perigo, pois ela não está emocionalmente madura o suficiente para isso; por outro lado quem se encontra psicologicamente pronto para ter experiências sexuais pode dominá-las e amadurecer com elas. No entanto, uma sexualidade prematura é uma experiência regressiva que desperta tudo que ainda é primitivo em nosso interior e que nos ameaça engolir. A criança imatura que não se encontra pronta para o sexo, mas é de alguma forma exposta a uma experiência que suscita sentimentos sexuais, lidará com isso da mesma maneira que lida com seus conflitos edipianos. E uma das maneiras de fazer isso, é eliminando competidores mais experientes, vem daí as instruções específicas dadas por Chapeuzinho Vermelho ao lobo, sobre o local da casa da avó; ao mesmo tempo essa atitude pode revelar uma ambivalência, pois ao guiar o lobo até a casa da avó, pode estar dizendo *"vá ter com a vovó, que é uma mulher madura, ela deverá ser capaz de lidar com aquilo que você representa; eu não sou"*. Este conflito

que se estabelece entre a sua vontade de fazer a coisa e o desejo inconsciente de sair vitoriosa sobre a mãe, aqui representada pela avó, é o que torna esta estória tão humana e universal (BETTELHEIM, 2007).

Chauí (1984) esclarece uma questão sobre a sexualidade, simbolizada por diversos fatores, como a cor vermelha, muito utilizada não só em contos de fadas, mas um dos símbolos mais utilizados em nossa cultura para referir-se ao sexo. Para Corso (2006), a sexualidade nesta estória trabalha o tema dentro do território infantil, possível e necessário para as crianças pequenas. Importante distinguir que ter uma sexualidade, saber dela ou exercê-la são três coisas bem distintas. O conto é útil para aqueles que ainda não estão prontos para explicitar o conhecimento acerca de sua sexualidade.

Na puberdade são reativados antigos anseios edipianos, o desejo da menina por seu pai, sua inclinação em seduzi-lo e o seu desejo de ser seduzida. A menina sente então que merece ser castigada por sua mãe, por seu desejo de tirá-lo dela (BETTELHEIM, 2007).

Chapeuzinho Vermelho exterioriza os processos interiores da criança púbere, em que o lobo é a exteriorização da maldade que a criança sente quando contraria os conselhos maternos, e permite ser seduzida. Ao desviar-se do caminho traçado pela mãe, depara-se com a maldade e teme que esta venha a lhe engolir (BETTELHEIM, 2007).

Seria subestimar o papel do pai na figura do lobo se pensarmos apenas no sentido de colocar as coisas no lugar e impor as leis. Corso (2006) elucida ainda que as meninas se furtam de diversas artimanhas para atrair a atenção dos pais (aqui bem situado, a figura paterna). Elas possuem suas armas, cativam diálogos com ele e desobedecem as mães. O pai deve ser temível como o lobo, mas para a menina é importante fantasiar que ele também a deseja e a corteja. O Lobo Mau trava com Chapeuzinho um diálogo que certamente não ocorreu com a vovozinha.

Na figura do caçador, temos a importância de um ego fortalecido, diferentemente de Chapeuzinho que cede às tentações do Id, traindo a mãe e a avó. O caçador ao encontrar o lobo, não permite que suas emoções o dominem, apesar de num primeiro momento desejar atirar no lobo, mas seu ego (razão) se afirma, e ele controla sua raiva (provinda do Id), percebendo que é mais importante tentar salvar a avó

e a menina. É em razão de salvar os bons e punir os maus que faz com que ele seja uma figura atraente, tanto para as meninas, quanto aos meninos, já que a maior dificuldade das crianças aqui representada no conto está em obedecer ao princípio da realidade, na dificuldade de perceber seus conflitos. A violência existente na ação do caçador em abrir a barriga do lobo é justificada pelo propósito elevado de salvar a avó e a menina; esta 'cesariana' insinua uma ideia de gravidez e nascimento, em que a mãe "engole" algo (como o lobo), e como a criança renasce simbolicamente, após dominar a transição da sua sexualidade. Crianças devem ser capazes de acreditar que, se dominarem as fases de desenvolvimento, poderão alcançar uma forma de existência mais elevada. É possível mostrar para as crianças que essas transformações interiores são possíveis (BETTELHEIM, 2007).

Ainda para este autor, quando Chapeuzinho é engolida pelo lobo, ela sabe por intuição que a estória não acabou, que isso é apenas uma parte necessária da estória, e a mágica do conto de fadas se dá, quando a criança que foi tentada pelo lobo, e engolida, o caçador corta a barriga do lobo e ela retorna como uma pessoa diferente. O fato do lobo não morrer nesta 'cesariana' protege a criança de uma angústia desnecessária de temer matar a mãe no ato do nascimento.

É curioso questionar a escolha da figura de um lobo para desempenhar este papel, afinal, os lobos não são tão grandes nem sequer atacam o homem. Para Corso (2006), esse animal acaba representando uma versão maligna do cachorro: tem a mesma aparência, mesma carga genética, mas enquanto o cachorro é doméstico, o lobo é selvagem, e ambos são perfeitamente propícios a suportar a metáfora de um amor incestuoso, típico do Complexo de Édipo vivido pelas crianças. O pai está presente como caçador, pois ela espera que ele a salve de todas as dificuldades, em especial as emocionais, que são consequências de seu desejo de seduzi-lo e de ser seduzida por ele, representadas pela figura do lobo.

Bettelheim (2007) observa que não é o caçador quem dá um fim no Lobo Mau. Chapeuzinho é quem deve planejar o que fazer com o lobo, já que deve sentir-se capaz de vencer sua fraqueza, dominar os sentimentos que lhe oprimem, então não é mais preciso temer o lobo. Isso é reforçado ao final da estória na qual fugir

do lobo não é a solução adequada, pelo contrário, ela reflete que, "*Enquanto viver, jamais se afastará do caminho que mamãe indicou*", demonstrando que o encontro com sua sexualidade terá um resultado diferente, certamente com a aprovação de sua mãe. De sua experiência, fica a lição de que não se deve ceder aos desejos edipianos, é melhor não se rebelar contra a mãe, nem tentar seduzir ou se deixar seduzir aos aspectos sedutores do macho. Ainda, é melhor que pese seus desejos ambivalentes, decidir-se pela proteção do pai, introjetando valores que representem, em seu superego, para lidar com os perigos da vida. O seu futuro agora ela mesma é capaz de decidir por conta própria: ela perdeu sua inocência infantil e a substituiu pela sabedoria que só os "renascidos" possuem, adquirindo um plano mais elevado de existência, no qual se relaciona de forma positiva com seus pais, e retorna para a vida como uma jovem donzela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do presente estudo traz um novo olhar sobre a constituição subjetiva da criança sob a ótica psicanalítica, a partir dos estudos dos contos de fadas, estórias ricas em representação simbólica.

É interessante observar certas semelhanças presentes nos contos de fadas: eles falam do cotidiano, seus personagens principais não têm sequer um nome, têm sempre um final feliz que encoraja as crianças ao esforço, identificando-as nas dificuldades da vida e dando a certeza do triunfo de todos os obstáculos. Não só as crianças, mas como qualquer pessoa de qualquer idade, podem se identificar com os Contos de Fadas: dificuldades, dores e doenças estão ali representadas por metáforas (DOLTO, 2005).

Na contemporaneidade, é possível perceber que os Contos de Fadas sofrem diversas adaptações à linguagem do seu tempo. Nas últimas décadas, o poder das comunicações no mundo globalizado acelerou um trabalho de transmissão de histórias que durou séculos de tradição oral. Hoje conta-se com diversos recursos nos quais a tradição oral é representada por imagens. Não se pode dizer que não evocam as mesmas emoções de outrora, mas "pode-se lamentar que esses substitutos para a contemporaneidade, a televisão, os filmes e

a ficção científica não possam mais contar com aquela pessoa amada que traduza em palavras as emoções suscitadas que as crianças criam nos momentos de solidão” (DOLTO, 2005, p. 41). Contudo, tem-se a impressão de que os “mistérios” das antigas narrativas maravilhosas parecem superados pela tecnociência, mas não se pode afirmar que a zona estranhamente familiar das manifestações do inconsciente tenha se reduzido ao discurso científico, pois as crianças continuam interessadas em seu próprio universo de mistérios que sobrevive à transparência da modernidade (CORSO, 2006).

É importante resgatarmos que as “crianças ainda são crianças e que a infância é um tempo necessário de preparação para a realidade tal qual ela é, que as crianças ainda não nascem prontas e necessitam de certas condições para se tornarem sujeitos falantes, desejantes e futuros cidadão criativos”. (Bernardino, 2006, p. 11).

A formação do sujeito psicanalítico está na impressão de um inconsciente representado pela figura materna e paterna. Esta relação hoje já não está presente em todas as famílias. Na atualidade, a necessidade do capital faz com que a criança se depare com um amadurecimento precoce da separação que nem sempre é satisfatória para a constituição da subjetividade.

Todos os profundos conflitos íntimos que tem origem em nossas pulsões primitivas e emoções violentas são negados em grande parte da literatura infantil moderna, e desse modo não se ajuda a criança a lidar com eles. Mas a criança está sujeita a sentimentos desesperados de solidão e isolamento, e com frequência experimenta uma angústia moral. Na maioria das vezes ela é incapaz de exprimir seus sentimentos em palavras ou só pode fazê-los indiretamente: medo do escuro, de algum animal, angústia acerca de seu corpo. (BETTELHEIM, 2007, p. 18).

Os contos de fadas são importantes pelo valor das representações simbólicas, as crianças os aceitam e os compreendem intuitivamente, enquanto adultos tendem a tomar as coisas literalmente. O poder da fantasia faz com que os Contos de Fadas não envelheçam, eles sobrevivem a diversas adaptações pela qualidade de fazer-se realidade no mundo maravilhoso da

fantasia infantil.

Chapeuzinho Vermelho é um conto clássico, e seu valor para a criança está em dizer simbolicamente a ela que, ao deparar-se com seu Complexo de Édipo, vai ter dificuldades para realizar suas escolhas; as interpretações possíveis que partem da história são uma alusão ao potencial de sedução contido nas relações com os adultos, que muitas vezes revelam seu lado obscuro, mostrando sua face “selvagem” no lugar de sua face “doméstica”; as crianças correm riscos por sua ingenuidade, pois existe a maldade de alguns lobos perversos à solta por aí... Mas, não lhe é negada a verdade de que sua curiosidade e seus desejos eróticos confusos representam um perigo ainda maior.

Afinal, há algo em nós que nos aproxima do Lobo Mau, há algo que nos encanta, caso contrário ele não teria poder sobre nós. É importante saber o que torna o Lobo Mau atraente (BETTELHEIM, 2007).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. **A história social da criança e da família**. Tradução Dora Flakman. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

BERNARDINO, L. M. F. (Org.). **O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição**. São Paulo: Escuta, 2006.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 21. ed. Tradução Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BOUKOBZA, C. Saber científico e saber inconsciente. In: BERNARDINO, L. M. F. (Org.). **O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição**. São Paulo: Escuta, 2006.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual**: essa nossa (des) conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, T. **Psicanálise com crianças**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

DOLTO, F. **A causa das crianças**. Tradução Ivo

Storniolo e Yvone Amria C. T. da Silva. Aparecida. São Paulo: Idéias & Letras, 2005.

ELIA, L. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

FREUD, S. **Tratamento psíquico** (ou anímico). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standart Brasileira. Rio de Janeiro. Imago: 1996. v. 7.

_____. Além do princípio do prazer. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Edição Standart Brasileira. Rio de Janeiro. Imago: 1996. v. 18.

_____. A ocorrência, em sonhos, de material oriundo de contos de fadas. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Edição Standart Brasileira. Rio de Janeiro. Imago: 1996. v. 12.

_____. Dissolução do complexo de Édipo. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Edição Standart Brasileira. Rio de Janeiro. Imago: 1996. v. 19.

MELLO NETO, G. A. R. **O ardil da criança**: o pensamento adulto sobre a criança sob um enfoque psicanalítico. Maringá: EDUEM, 1994.

LA FUNCIÓN DE LOS CUENTOS DE HADAS EN LA CONSTITUCIÓN DEL SUJETO PSICOANALÍTICO: UN ANÁLISIS BASADO EN EL CUENTO DE CAPERUCITA ROJA

RESUMEN: Este artículo presenta un estudio sobre cuentos de hadas y su respectiva importancia en la constitución subjetiva del niño bajo la óptica del Psicoanálisis. Para lograr este objetivo rescata históricamente la forma como el niño era visto en el pasado y el cambio en esta forma de entender el niño, no vista más como un adulto en miniatura, pero sí como un sujeto en formación. El artículo trae el concepto de sujeto en la visión psicoanalista, y su constitución a partir de la infancia en el encuentro con el otro. Los cuentos de hadas procedidos de la tradición oral en que inicialmente se destinaban a los adultos, pasaron a tener un valor inestimable en la formación de la subjetividad infantil, y trae contenidos importantes, que hablan directamente al inconsciente. Este artículo examina la historia de Caperucita Roja, mostrando como los cuentos de hadas se constituyen en fuentes de satisfacción a deseos inconscientes, y al mismo tiempo, trabajando en la elaboración de conflictos co-

munes a todos los niños que están en proceso de formación de su sujeto.

PALABRAS-CLAVE: Psicoanálisis, Infancia, Constitución del Sujeto, Cuentos de Hadas.